

## O Fio da Navalha: entre crises e possibilidades

Aloisio Monteiro<sup>113</sup>

### Resumo

Este trabalho apresenta uma breve discussão dos cada vez mais acelerados processos de desterritorialização das condições humanas na contemporaneidade em suas diversas dimensões, quer sejam elas culturais, econômicas e políticas, assumindo proporções cada vez mais alarmantes de dignidade e vida.

**Palavras-Chave:** Desterritorialização, Dignidade, Vida.

### Abstract

This paper presents a brief discussion of the increasingly accelerated processes of deterritorialization of the contemporary human condition in its many dimensions, be they cultural, economic and political, taking on an increasingly alarming dignity and life.

**Keywords:** Deterritorialization, Dignity, life.

---

<sup>113</sup> Pós- Doutorando em Antropologia e Sociologia pelo Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra (UC). Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC) da UFRRJ. Pesquisador do CNPq. Pesquisador da Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT) - Portugal. Pesquisador do Grupo de Pesquisa do Centro de Estudos Sociais (CES) - Universidade de Coimbra (UC), Coordenado pelo Prof. Dr. Boaventura de Sousa Santos.

Mesmo se todas as árvores fossem transformadas em papel e Todos os oceanos em tinta, ainda assim, o espaço seria pequeno para expressar o tamanho dos agradecimentos e carinho que residem em meu coração, pela minha mais querida Professora Célia Linhares.

(Aloisio Monteiro)

(...) a passagem da fase 'sólida' da modernidade para a 'líquida' – ou seja, para uma condição em que as organizações sociais... não podem mais manter sua forma por muito tempo..., pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las(...).

(Zygmunt Bauman)

Estar atento aos diversos movimentos da tessitura social presentes em nosso mundo contemporâneo é, de fato, algo que deve estar presente na agenda do investigador(a) social descolado(a) do processo de manutenção do *status quo* oficial.

O processo cada vez mais acelerado de desterritorialização das condições humanas em suas diversas dimensões, quer sejam elas culturais, econômicas e políticas, assume proporções cada vez mais alarmantes.

Vivemos em tempos e espaços onde cotidianamente somos impelidos a atravessar fronteiras que, muitas vezes, não reconhecemos ou, quem sabe, jamais tenhamos pensado existirem, gerando grandes contingentes humanos destituídos de condições básicas de sobrevivência, além de uma vida imersa no turbilhão da contradição entre a confiança e o medo, como nos diz Bauman.

Mas, se por um lado, vivemos em uma época que se apresenta enquanto “um processo sem-fim de ruptura e fragmentações”, como define Harvey (apud Hall, 2006, p.16), por outro, podemos com certeza enxergar outras possibilidades plurais, na medida em que superemos o mito do pensamento único e a vontade de homogeneização mundial.

Tocar a diferença como constitutivo do humano e não tentar fazê-lo matriz, como marca reprodutora de padrões lógicos, aceitáveis e coerentes, é o caminho do *fio da navalha*. É um dos desafios que estão postos.

## A força nômade e a vida nas fronteiras

(...) a diferença pura é a própria expressão do ser.  
(Gilles Deleuze)

Entende Deleuze que o mundo moderno é gestado a partir da crise da representação, onde “as identidades não passam de simulações no ‘jogo’ mais profundo da diferença e da repetição” (2004, p.143). Assim, a partir desta perspectiva, este seria o mundo do simulacro e das distribuições nômades, enquanto essência da repetição.

Para Deleuze, no interior das relações complexas do mundo moderno, se contrapõem radicalmente aquilo que ele chama de *força sedentária* e *força nômade*, onde a *força sedentária* seria a força burocrática, forjada e estruturada por valores sedentários (paralisados), advindos da razão clássica; e a *força nômade* se identifica como aquela com o compromisso da afirmação da diferença em movimento (dinâmica). Assim sendo, a *força sedentária* é aquela que traz de forma permanente a intencionalidade do estabelecimento de padrões universais como espelhos de referência, enquanto que as *forças nômades*, entendendo a fluidez dos processos identitários, buscam, a todo tempo, quebrar o salão de espelhos.

Ao introduzir o debate sobre os sentidos do termo identidade, uma perspectiva bastante esclarecedora é a da divisão em dois campos centrais de discussão, defendida por Kathryn Woodward, traduzida na tensão entre a perspectiva essencialista e não-essencialista de identidade.

Para Woodward, o essencialismo identitário pode se constituir tanto pelo campo histórico quanto pelo biológico, ou seja, “certos movimentos políticos podem buscar alguma certeza na afirmação da identidade apelando, seja à ‘verdade’ fixa de um passado partilhado, seja a ‘verdades’ biológica” (2000, p. 15).

Na esteira dessa lógica encontramos também movimentos étnicos, religiosos, nacionalistas, dentre outros, que com frequência “reivindicam uma cultura ou uma história comum como fundamento de sua identidade” (2000, p.15).

Já para realizarmos uma aproximação ao campo não-essencialista do conceito de identidade, ainda segundo a autora, precisamos de uma análise da inserção da

identidade naquilo que ela chama de “circuito da cultura”, como também, concordando com Hall (1997), na *“forma como a identidade e a diferença se relacionam com a discussão sobre representação”* (WOODWARD, 2000, p.16).

Nesta perspectiva, Bauman (2005), apoiado em Siegfried Kracauer, define os possíveis significados de identidade a partir da existência do que ele chama de *“comunidades de vida”* e *“comunidades de destino”*.

A primeira se caracteriza por aquelas comunidades que *“vivem juntas em ligação absoluta”*; e a segunda naquelas em que são *“fundadas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios”*.

Então, para Bauman, a necessidade da definição de identidade somente surge com a exposição do conceito de *“comunidade de destino”* (fundada por idéias), na transcendência de uma possível visão essencialista de identidade, a partir de uma compreensão fixada de comunidade de vida.

É porque existem tantas dessas ideias e princípios em torno dos quais se desenvolvem essas ‘comunidades de indivíduos que acreditam’ que é preciso comparar, fazer escolhas já feitas em outras ocasiões, tentar conciliar demandas contraditórias e frequentemente incompatíveis (BAUMAN, 2005, p.17).

Por outro lado, ousou afirmar também a existência de uma terceira categoria presente na articulação das diversas possibilidades de entrelaçamentos complexos entre as comunidades de vida e de destino, definidas por Bauman, que denomino *comunidades de fronteiras*. Estas comunidades se caracterizam pela possibilidade de apesar, e além de *“viverem juntas”* (comunidades de vida), possuírem dinamicamente em seu interior *“multicomunidades de destino”*, ou seja, uma multiplicidade de comunidades que se articulam em diferentes esferas e *“variedades de princípios e ideias”*. As comunidades de fronteiras se situam naquilo que Homi Bhabha chama de *entre-lugares*, ou seja, nos espaços de vidas fronteiriças.

Nesse sentido, ao pensarmos a noção de identidade, não podemos nos fixar em duas únicas dimensões polarizadas a partir de um determinado espaço territorial, isto é, nos atermos a uma perspectiva interna e/ou externa de vidas comunitárias, e, a partir de então, realizarmos as articulações entre aqueles que pertencem (internos) e

os estrangeiros (externos). Podemos ser absolutamente estrangeiros, enquanto pertencendo.

O próprio Bauman concorda com esta perspectiva quando afirma:

*Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas exigências individuais estão fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados. Poucos de nós, se é que alguém, são capazes de evitar a passagem por mais de uma 'comunidade de ideias e princípios', sejam genuínas ou supostas, bem-integradas ou efêmeras, de modo que a maioria tem problemas a resolver [...]. (2005, p.18).*

O caminho situado nas fronteiras, ao mesmo tempo pantanoso, é o território da produção do outro, do “novo”, daquilo que transcende as posições fixadas. Mesmo porque, para os residentes das fronteiras, em qualquer direção que se olhe, se vê um estrangeiro.

Penso que esta seja a emergência do momento da humanidade atual. Acredito ser esta a marca mais profunda do significado de diferença, onde a ruptura entre os essencialismos possíveis (“estreitos e estritos” ou “amplos e genéricos”) possam realmente se dar no “ser”, “fazer” e “pensar” dos relacionamentos cotidianos, marcados, necessariamente, por diferentes pertencimentos onde, definitivamente, “rótulos” (tais como em remédios e produtos industrializados) e “marcas” (tais como em grifes e animais de rebanhos) possam ser superados.

Avançamos em diversos campos, no que concerne a questão da alteridade. Mas, como nos adverte Carlos Skliar, não podemos deixar que o outro se transforme em tema, pois quando esse outro, porque marcado pela diferença, se traduz em temática, tendemos a um processo de homogeneização das diferenças e incorporamos, mesmo que sutilmente, uma dimensão essencialista.

Precisamos romper com o sentimento das alteridades fixadas e assumirmos as perspectivas de nossas alteridades fluidas, sem perdermos a dimensão dos enfrentamentos políticos. Em determinados momentos, buscando a superação das condições de opressão e violências instituídas, fixamos, com toda a propriedade, nossos campos identitários enquanto estratégia política de enfrentamento no

processo de luta contra qualquer atitude totalitária. Mas, é preciso manter a lucidez, da necessidade de rompimento das barreiras entre o “nós” e os “outros”, em uma sociedade possível.

É nisto, creio eu, que reside a preocupação central de Stuart Hall, quando ele assume a preferência pelo conceito de identificação, em detrimento ao de identidade, muito menos pela obrigatoriedade de defini-lo categoricamente do que pelo reconhecimento do grau de complexidade presente. Assim, Hall busca situar a identificação na fronteira entre sujeitos e práticas discursivas. Por outro lado, sublinha também que a emergência deste “descentramento” não se traduz no deslocamento da centralidade do sujeito e, mesmo da razão, em detrimento da prática discursiva, mas na acentuação da exigência de uma “outra” reconceptualização do sujeito e da racionalidade dominante.

O conceito de ‘identificação’ acaba por ser um dos conceitos menos bem desenvolvidos da teoria social e cultural, quase tão arditoso – embora preferível – quanto o de ‘identidade’. Ele não nos dá, certamente, nenhuma garantia contra as dificuldades conceituais que têm assolado o último. (HALL, 2000, p.105).

A tarefa que temos em mãos pode ser traduzida por um permanente cuidado com as armadilhas e atalhos, que podem nos levar a caminhos de aprimoramento das vias e territórios de preconceitos, discriminações e violências instituídas, a partir do “lado de cá”, como nos diz Boaventura Santos (2010). Porque, aquilo que reivindica “exclusividade” (que se quer fixo), não pode incluir, visto que o radical semântico do termo *exclusivo* é o mesmo da palavra *exclusão*. Este é o caminho do *fio da navalha*.

## Referências

BENJAMIN, W. - Magia e Técnica, Arte e Política: ensaio sobre literatura e história da cultura - 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (V.1).

BHABHA, H. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BAUMAN, Z. Confiança e Medo na Cidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. Tempos Líquidos. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

DELEUZE, G. *Por uma Filosofia da Diferença: o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Edusp, 2004.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de uma identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Renovar a Teoria Crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez. 2010.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. São Paulo: Record, 2003.

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.